COMUNICAÇÃO DIGITAL E VIDA RELIGIOSA

À distância de mais ou menos 40 anos do início da tão falada era digital, olhando as inumeráveis mudanças em todos os setores da sociedade, parece que se passaram séculos! Dessa forma damo-nos conta de que não se trata apenas de uma «mudança de época», comparável na história apenas à revolução industrial, mas sobretudo de uma época de profundas mudanças antropológicas e culturais, que incidem enormemente sobre toda a sociedade. Certamente que não se trata de uma simples reprodução do mundo real no ambiente digital ou um espelho da realidade, mas de um modo diferente de ser e de relacionar-se e, talvez, possamos dizer que seja necessário também inculturar-se.

Também a vida consagrada passa por constantes mudanças, justamente porque caminha paralelamente com a história da humanidade e da Igreja e procura resgatar, sempre e em cada realidade e tempo, a fidelidade ao seu Senhor. O desenvolvimento da história levou a Igreja a realizar o Concílio Vaticano II quando ela olhou para dentro de si mesma. Em nível eclesial, foi justamente o Concílio Vaticano II a manifestar grande sensibilidade nos confrontos dos instrumentos de comunicação social, já com o seu primeiro decreto, o *Inter mirifica*. De fato, o Magistério se demonstrou muito sensível ao desenvolvimento tecnológico, não apenas dando seu parecer, avaliando-o, mas demonstrando que a tecnologia é um dom e deve ser usado com discernimento.

Entre obrigações e liberdade

Os religiosos estão presentes na Rede em grande número, não podemos negá-lo. Mas o problema não é estar na Rede, mas como se apresentam na Rede. Por isso, é urgente que os religiosos tenham consciência de seu chamado a ser testemunha fiel no mundo digital, que, como o testemunho em qualquer outro ambiente em que se encontram, se torna uma obrigação assumida livremente com a profissão pública dos conselhos evangélicos.

Também o mundo digital se torna um campo de missão, de apostolado, de testemunho.

É notório que o ambiente digital apresenta riscos, os enganos que são conhecidos, combatidos, evitados, para não cair numa espécie de ingenuidade, mas esses são também um chamado a um extenso discernimento. E aqui falamos de verdadeiro discernimento espiritual, que a tradição religiosa seguramente conserva como tesouro potentíssimo. Nenhum religioso pode viver fielmente a própria consagração sem o discernimento que o torna sempre mais livre de escolher.

Falando de liberdade, é preciso sublinhar que as obrigações da vida religiosa consagrada assumida livremente mediante a profissão pública dos conselhos evangélicos, se

tornam um grande testemunho na Rede, onde se propaga uma falsa liberdade, sinônimo de uma falta de limites, em vez de uma possibilidade de escolha. Eis a necessidade de um verdadeiro discernimento espiritual para fazer as escolhas certas, de acordo com o próprio estilo de vida. Por isso, uma presença fecunda de um consagrado na Rede não se improvisa!

Conexão e comunhão

A priori estas duas palavras parecem não ter nada em comum, mas julgo que seja um ponto de contato importantíssimo. Que para estar na Rede é preciso estar conectado já o sabemos. Que a conexão pressupõe um mar de ligações que nos coloca em contato com todo o mundo, também. Mas a comunhão, para que serve?

Um consagrado não pode pensar em estar na Rede apenas porque todos estão, mas precisa saber o porquê e o como estar, caso contrário permanecemos no campo do tecnicismo, pensando que devemos ser experts em Internet porque devemos pregar a Palavra. Ser apóstolo é ser diferente de ser «pregadores de palavras». A um religioso não servem tantas palavras, tanta propagação de belas mensagens religiosas, não é essa a verdadeira evangelização. É importante dar testemunho do que se é, servir-se da comunicação, porque o seu Senhor assim o ensinou! E muitas vezes isso exige silêncio...

Recordemos um trecho da mensagem de Bento XVI para o XLVI Dia Mundial das Comunicações Sociais: «Quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação se deteriora [...]; quando, ao invés, se integram reciprocamente, a comunicação adquire valor de significado».

O silêncio é um espaço de escuta recíproca, um verdadeiro desafio em um universo onde a palavra parece estar sempre em primeiro lugar. Falar sem ouvir se torna apenas tagarelice e não beneficia a nada e a ninguém... as palavras se perdem no vazio! O silêncio que deixa ao outro a primeira palavra é habitado, fecundo, capaz de criar relacionamentos verdadeiros e sólidos em um mundo que se diz líquido. Eis a verdadeira comunicação – comunhão que o Evangelho nos propõe como modelo. E fica bem claro que o silêncio que acolhe o outro não tem nada de mutismo. De fato, pode-se falar muito e não dizer nada, caindo em uma espécie de «mutismo falante». Sabemos que um religioso na Rede não tem todas as respostas prontas, mas que saiba ouvir as angústias do outro e fazer do Senhor um adequado «motor de busca» para encontrar a resposta certa como um verdadeiro promotor de comunhão, um apóstolo. Disso nos deu exemplo o Cristo ressuscitado, quando caminhava com os discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24, 13-35).

Sabemos que este é um tema aberto ao futuro, à reflexão, dinâmico porque tem como pressuposto a capacidade humana de desenvolver-se.

Aquilo que para nós permanece sólido é justamente a essência da vida religiosa como *sequela Christi*, chamado a viver a plenitude da própria consagração também no ambiente digital. Que o Senhor nos ensine cada dia a forma de ser fiéis a Ele no concreto do nosso dia a dia!

Ir. Cristiane Ribeiro, sjbp